

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 08 – 2010, AGOSTO  
Assinatura até 31.12.10: 4 selos postais de 1º Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.  
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!  
[www.haicu.sf.nom.br](http://www.haicu.sf.nom.br)

Os diria que sus trenzas  
rizadas sobre la espalda  
son tan negras que iluminan  
en la noche. Que cuando anda,  
no parece que se apoya,  
flota, navega, resbala...  
Os hablaría de un gesto  
muy suyo..., de sus palabras,

Gerardo Diego 1896-1987, Ella,  
Versos Escogidos, 1970  
Editorial Gredos, S.A., Madrid

Pecó, mas es el pecador sereno  
que sofoca el sollozo en la garganta,  
y que a los labios, sin temblar, levanta  
la rebosante copa de veneno.

Manchó su excelsa clámide en el cieno  
del mal. Y al cabo de flaqueza tanta,  
ningún remordimiento lo quebranta  
ni lo sonroja el parecer ajeno.

Lleva ocultas las lágrimas consigo,  
y erguido lleva el corazón doliente  
cual un pendón de reto enarbolado.

Y acepta la amargura del castigo  
con la misma altivez con que sonriente  
probó todo el deleite del pecado.

Olavo Bilac, El pecador – Trad. Miguel Rasch Isla

¿A qué llorar? Tus lágrimas desecha,  
pues si la juventud ya te abandona,  
aun puedes sonreírte, satisfecha,  
que el Otoño de rosas te corona.

Las últimas vendimias aprovecha  
de la estación fecunda en que Pomona  
te brindará, de su prostrer cosecha,  
frutos de miel, que la pasión sazona.

Una fiebre amorosa te consume...  
Ama, pues, y agoniza como el día  
en su ardiente crepúsculo... Resume  
toda la vida en gloria, en poesía,  
en risa, en luz, en música, en perfume,  
en besos... ¡Qué magnífica agonía!

Olavo Bilac, Otoño – Trad. Roberto Liévano

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas  
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Leyéndote a mis ojos viene el llanto...  
Perfume de sus crenchas, cantinela  
de su voz... Nuestro idilio se revela  
en tu libro y aviva mi quebranto.

Su límpido mirar, ingenio y santo  
como el de las madonas, y la estela  
de su sonrisa... ¡Toda la novela  
de amor, resurge con su antiguo encanto!

Se ensancha el corazón en un suspiro,  
y cuanto más las páginas remiro,  
más su silueta cándida entreveo;  
la presiente en la alcoba abandonada  
leve llegar, y sobre mi inclinada  
leer la misma página en que leo...

Olavo Bilac, A un poeta – Trad. Roberto Liévano

Ao ver-te assim tão velhinha  
sentindo a idade avançar  
eu quis te esconder, Mãezinha  
para Deus não te encontrar.

Arlindo Tadeu Hagen, 1006  
Koisalinda: Rua Liberdade 182  
14085-250 – Ribeirão Preto, SP

Vou costurando esta vida  
com linhas de cicatriz  
vendo se fecho a ferida  
de todo o bem que eu não fiz...

Domingos Freire Cardoso, 0512  
LINteratura, Pç.Fco.Rez.Costa 283  
35500-427 – Divinópolis, MG

A paz chega à sociedade  
com bem mais educação,  
com combate à impunidade,  
drogas, armas e corrupção.

João Birico Filho, 1004  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia, CE

Aquelas rosas vermelhas,  
cheias de viço e frescor,  
que te ofertei, são centelhas  
do fogo do nosso amor.

Luiz Arruda, 1006  
Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br

A gente perde um irmão,  
e um neto é, logo, um adulto...  
Será tudo uma ilusão,  
ou tudo, em torno, é oculto?

Manoel F. Menendez

A platéia se espantou:  
o ator saiu do roteiro,  
desesperado, e gritou:  
“Meu reino por um banheiro!”

Selma Patti Spinelli, 1007  
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º  
01501-030 – São Paulo, SP

Que venham chuva e calor,  
que os ventos desçam ou subam,  
pois ninhos feitos de amor  
tempestades não derrubam...

Ademar Macedo

Se já viveste bastante,  
se já sofreste também,  
por certo já vai distante  
o peso que a vida tem!

Cyropa Ritzman

Foi capricho ou devaneio,  
quando eu lhe disse: “Não sei!”  
Orgulhoso – ele não veio;  
caprichosa – eu não voltei!

Dilva Moraes

Nas lembranças, em cadeia,  
a verdade me angustia:  
ver luzir a lua cheia  
na varanda tão vazia.

Fernando Vasconcelos

A vida nos faz capazes  
de viver num dualismo:  
ora momentos de oásis  
ora momentos de abismo.

Francisco Pessoa

O aplauso é a mais justa loa  
que a um artista se concebe:  
tão pouco, para quem doa;  
tão bom para quem recebe!

José Ouverney

Trovia, Ano 10, número 115, julho 2009; para correspondência, A. A. de Assis: Rua Arthur Thomas 259, Ap. 702, CEP 87013-250 – Maringá, PR

## QUIDAIAS DE INVERNO



A mulher espia,  
passarinhos arrancando  
os brotos de trigo.

Analice Feitoza de Lima

Muita cartoria  
na colheita de café.  
Festa animada.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Lambe desolado  
o leito de um rio seco  
boi desidratado.

Fernando L. A. Soares

Soldados em forma.  
É festa no batalhão.  
Dia do Soldado.

Helvécio Durso

Férias na fazenda.  
Bicho-de-pé escondido...  
– Dedinho coçando!

Humberto Del Maestro

Em volta da mesa  
todo mundo agasalhado.  
Jogo de tómbola.

Manoel F. Menendez

Dia do Folclore –  
escolares fantasiados  
dançam a quadrilha.

Maria Reginato Lubricano



## HAICUS E M FOLHA

Chia o minuano.  
Redemoinhos de folhas  
junto aos pés de plátanos... L

Amália Marie Gerda

Dia do Estudante.  
Sobre as carteiras da escola  
cadernos fechados. C

Analice Feitoza de Lima

Velho gaúcho  
de chapéu e poncho  
enfrenta o minuano. D

Cecy Tupinambá Ulhôa

Roupas no varal;  
sopra forte o minuano  
e enrola tudo. T

Denise Cataldi

Tarde gélida  
a cortina se levanta  
sopra o minuano. L

Larissa Lacerda Menendez

Dia do Estudante –  
passeata na faculdade  
clama por direitos. T

Renata Paccola

Miragens no campo.  
Forte passa o minuano  
erichando o gado. T

Amália Marie Gerda

Pássaros em festa,  
saltitando nas ramagens  
do baquerubu. G

Analice Feitoza de Lima

Fazendo algazarra.  
Livro de baixo do braço  
Dia do Estudante. L

Cecy Tupinambá Ulhôa

Carro balançando  
na estrada reta do sul  
sopra o minuano. T

Denise Cataldi

Aulas cabuladas,  
turma vai a restaurante.  
Dia do Estudante. T

Manoel F. Menendez

Sopra o minuano.  
Agasalhado, o pampeiro  
suga chimarrão. L

Roberto Resende Vilela

Com a lousa cheia  
no Dia do Estudante,  
carteiras vazias. T

Amauri do Amaral Campos

Vastidão dos pampas.  
Sopra forte o minuano.  
Ponchos coloridos. A

Angelica Villela Santos

As árvores tremem  
e se curvam à passagem  
do minuano. G

Darly O. Barros

Bate sem parar  
a janela entreaberta.  
Minuano. D

Flávio Ferreira da Silva

Em frente ao prédio,  
baquerubu alteireiro:  
paisagem urbana. G

Neuza Pommer

Da crista da serra  
o baquerubu se apruma  
no espaço infinito. L

Roberto Resende Vilela

Menino correndo.  
E o minuano gelado  
batendo em seu rosto. B

Analice Feitoza de Lima

Folhas só no alto,  
baquerubu elegante  
enfeita a campina. D

Angelica Villela Santos

Minuano passa  
deixando inverno mais seco  
e aumentando o frio. L

Argemira F. Marcondes

Palestras animam  
auditório da escola.  
Dia do Estudante. T

Darly O. Barros

Greve estudantil  
por melhoria do ensino.  
Dia do Estudante. T

Flávio Ferreira da Silva

Contra o céu azul  
se destaca silhueta  
do baquerubu. G

Neuza Pommer

Mestres e escolares  
às soltas fazem a festa.  
Dia do Estudante. T

Roberto Resende Vilela

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

Os dias se passavam sempre iguais, desde que seu Gonçalves se aposentara.

Pela manhã lia os jornais, deixando sempre os classificados para a parte da tarde, hora em que o sono tentava vencê-lo.

Dona Hortênsia, sua esposa primeira e única, costumava fazer as compras nessa hora, enquanto seu Gonçalves aproveitava, entre uma cochilada e outra, para ler os anúncios. O que

ela não sabia era o tipo de classificados que seu marido andava colecionando.

Seu Gonçalves já tinha vários anúncios guardados, porém o que mais o impressionara fora aquele carinhoso: “Morena dengosa, com muita paciência, espera por você, homem idoso. Discreta e sensual, amante ardente, realiza seus sonhos eróticos por apenas R\$ 150,00”.

Era um preço razoável e ele já tinha esse dinheiro.

Desde que deixara de fumar, juntava o dinheiro para esse outro prazer.

O maior problema era sair de casa sem despertar as suspeitas de dona Hortênsia. Passava os dias bolando um esquema e tomando coragem. Contou com Antenor, seu velho amigo de guerra, mas este era muito medroso e não o incentivava.

Algumas noites Gonçalves ficava sem dormir

3. A folha conterà o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

## O S E Q U E S T R O

Edina Bravo, Antologia de Contos da Ases – Associação de Escritores de Bragança Paulista, [www.asesbp.com.br](http://www.asesbp.com.br) – Gentileza de Walma da Costa Barros

## SELEÇÕES MENSAS

### FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.08.10, enviar até 3 haicus de quigos: Bolha de sabão, Brisa, Dia da Bandeira.  
Até o dia 30.09.10, enviar até 3 haicus de quigos: Carão de Natal, Mariposa, Toró.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82  
05010-040 - São Paulo, SP  
ou [mfmendez@superig.com.br](mailto:mfmendez@superig.com.br)

seus jornais pela manhã e, à tarde, disse para a esposa que precisava fazer uma visita a um amigo que estava internado num hospital distante. Dona Hortênsia, sempre solícita, se prontificou logo a ir com ele, mas foi imediatamente dissuadida dessa triste idéia.

– O lugar é longe e hospital não é lugar para uma flor como você, meu anjo – lhe disse o marido.

Lisonjeada pelas sempre gentis frases do marido, ela desistiu.

Quando o relógio bateu três horas da tarde, ele começou a se preparar. Tomou um banho especial, escovou muito bem os dentes, botou uma colônia que guardava para ocasiões especiais e despediu-se da mulher que estranhou tamanha elegância.

– Você está muito bonito, cuidado com as enfermeiras, viu? – lhe disse a mulher brincando.

– Oh, minha flor, a ente não pode ir visitar um moribundo dando a impressão de estar pior do que ele, você não acha? Depois, minha querida, quem vai querer um velho como eu?

Chegou à esquina e fez sinal para o ônibus, rumando para o endereço muito bem guardado no bolso da camisa.

Em trinta minutos estava diante daquele edifício sossegado, onde ninguém poderia imaginar o que acontecia no terceiro andar, todas as tardes.

Tocou a campainha e uma mulher maravilhosa, pele dourada, sorriso sensual de dentes muito brancos, veio atendê-lo.

– Eu sou o Gonçalves que ligou no começo da semana, lembra-se?

– Claro, pode entrar, esteja em sua casa – disse

a mulher de voz quente e acariciadora.

Conversa vai conversa vem e a morena Jaqueline lhe serviu o primeiro copo de vinho. Sendo uma das bebidas preferidas de Gonçalves, aquela delícia descia vagarosamente pela garganta e subia rapidamente à cabeça.

A primeira garrafa acabou e eles partiram para a segunda. Ele já se sentia vinte centímetros acima do chão, mas em perfeitas condições. Jaqueline começava a agir. Carinhos, beijos e afagos eram especialidade da moça. Seu Gonçalves já estava louco com aquela brasa de mulher mas ela, acostumada com senhores idosos, continuava a excitá-lo. Mais uma garrafa foi tomada antes de ela decidir-se a levá-lo para a cama.

Primeiro ela tirou o suéter justíssimo, a saia curtinha foi retirada por ele. Ela ficou apenas com uma minúscula calcinha de renda preta. Seu Gonçalves se sentia um garoto de vinte anos, diante daquela maravilha de mulher. Ela o ajudou a desvencilhar-se de suas roupas e começou a fazer tudo aquilo que ele tinha direito pelos R\$ 150,00 que, adiantadamente, pagara.

O homem estava louco de desejo e queria possuí-la o mais rápido possível, porém a “mestra” não o deixava em paz. Queria vê-lo mais louco.

Gonçalves era um homem carinhoso e tinha sido um grande amante nos bons tempos de mocidade. Estava apenas destreinado com aquele recesso tão prolongado. Sua mulher era muito boa pessoa, amiga e companheira, mas ele não a olhava mais como uma mulher havia muito tempo e sabia que ele também já não lhe inspirava nenhuma excitação. Agora, diante daquele monumento, todo o seu talento adormecido despertava.

Fizeram um amor louco e a própria Jaqueline o

elogiava a todo momento.

As horas se passavam mas nenhum dos dois prestava atenção a esse insignificante detalhe. O vinho os havia anestesiado e nesse estado o tempo não conta.

Os dois se amaram por muito tempo até se satisfizerem e viraram um para cada lado, adormecidos e saciados.

Enquanto isso, na casa de dona Hortênsia, uma pequena multidão já estava concentrada. A velha senhora, preocupada com a demora do marido, contara para a vizinha que, com a língua grande que tinha, se encarregara de transmitir para toda a rua.

Horacinho, o filho do casal, tendo sido avisado, chegava apavorado. Seu pai há muito não saía sozinho e era muito estranha essa demora.

Ligaram para os hospitais da cidade, para a polícia, para o necrotério e para os amigos mais chegados. Ninguém sabia do Gonçalves.

Os amigos – quase todos já aposentados – partiam em bando, achando excitante aquela novidade. Afinal, vida de aposentado é muito monótona.

– Mãe, o que foi que ele disse quando saiu?

– Disse que ia ver um amigo no hospital, Horacinho.

– A senhora não perguntou que hospital?

– Eu lá ia me incomodar com o nome do hospital, meu filho?

O pessoal continuava a chegar. Raimunda, a empregada, já estava na cozinha fazendo uns bolinhos para servir com café. Não queria que o povo saísse de lá dizendo que eles não sabiam receber.

O dia começava a clarear e nada de seu Gonçalves aparecer.

Na casa de Jaqueline ele acordava, se espregui-

çava e, olhando o peignoir preto aos pés da cama, pensava em como era diferente dormir com aquela belidade de pele dourada e corpo escultural e dormir com dona Hortênsia, sempre com aquela camisa do Flamengo por baixo da camisola, desde que fizera uma promessa para o goleiro do seu time se curar daquela contusão que o ameaçava de ficar fora da copa.

Seu Gonçalves acariciou a jovem que estremeceu. Só então ele se deu conta de que aquilo não era um sonho e sim uma realidade que ele não sabia como iria explicar.

Deu um pulo da cama e correu até a mesinha de cabeceira. Pegou o relógio e o aproximou mais dos olhos. Cinco horas da manhã, seu horário habitual de se levantar.

Vestiu-se rapidamente e saiu correndo até o primeiro olho. Ligou para a mulher e disse: – Hortênsia, minha flor, eu fui sequestrado mas consegui fugir. Não paga o resgate não, já to indo pra casa.

A notícia se espalhou e os amigos que passaram a noite em vigília, ligaram para os outros que viviam mais distante, para que viessem comemorar a volta do Gonçalves.

Dona Hortênsia é que não entendeu até hoje, quem poderia querer sequestrar um homem pobre, que não tinha nada pra dar. Só podia ser por engano.

Seu Gonçalves está muito bem disposto e todos pensam que é pela felicidade de ter conseguido fugir dos sequestradores. Apenas ele sabe que o que lhe fez bem foi aquela vitamina que, aliás, deveria ser receitada para toda a sua turma de amigos.

## I N T E R F E R Ê N C I A

Lilian Mahila Lima Vigna, Clássicos Contemporâneos, Real Academia de Letras 2009, Mário Pacheco Scherer – Editora; gentileza de Amália Marie Gerda Bornheim

Hellen chegou cedo ao escritório, abriu as janelas, conferiu os compromissos na agenda, depois abriu o jornal para consultar os aplicativos da bolsa de valores, o Risco Brasil permanência estável. Hoje deve entregar um relatório exatamente às dez horas da manhã.

– Pegue o relatório passe no liquidificador.

– O que está acontecendo? Pensou Hellen.

Tirou os fones de ouvidos que a conectavam ao *call-center*, computador central que recebe as ligações telefônicas. Além de secretária era recepcionista, atendia todas as ligações.

– Hellen refaça isso, tem vinte minutos antes da reunião. Era o chefe do outro lado da linha. O relatório constava de uma análise dos últimos

meses da sucursal; como de costume os dados não fechavam, como de costume o chefe reclamava.

– Misture dedicação.

Hellen não entendia o que estava ocorrendo, de onde vinha aquela voz. Devia ser os fones de ouvidos, podia estar captando alguma frequência de rádio.

Voltando ao relatório começou a investigar os balancetes. Cresce a produção, significa aumento nas vendas, mas não há escoamento nos estoques.

Agora o chefe vai até a recepção:

– Mais dez minutos. Quero os gráficos do relatório no *data show*. Me serve o café.

Hellen deixa o relatório e corre para atender o chefe.

A voz continua: Tire do envelope o entusiasmo.

Ela pergunta a sua colega se o som ambiente está ligado, ouve não como resposta.

Mais uma vez se concentra. Mas não consegue. Lembra-se de algo muito importante; ia fazer dez anos de firma Recostou-se mais na cadeira.

Quantas vezes deixou de almoçar para terminar algo relacionado com a firma. Agora tomava bicarbonato de sódio para a gastrite. Nem ao menos um elogio; estava acostumada. Constatou que sempre fora condescendente.

– Seus sonhos acumulados coloque em banheira. Triture tudo até virar pó.

Desta vez não protestou ao ouvir a voz.

O aumento tão esperado tinha sido cortado seis

meses atrás por medidas de contenção. Contava com isso para quitar as mensalidades da faculdade. Por isso deve de cancelar.

– Hellen não se esqueça de incluir os dados da inflação.

Pegou o jornal pela décima vez. Viu o que sabia; aumento do desemprego no terceiro setor. Pensou, já tinha mais de trinta e dois anos para encarar o mercado de trabalho, e, além disso, estava mais do que para as funções que apareciam nos classificados. Sabia que não empregavam pessoas com sua idade, passou do ponto.

Depois de tudo pronto coloque na forma e leve ao forno para dourar.

Resolveu engolir a pílula mais uma vez.

Foram Vinte contra Um: “Glória a São Paulo, que lutou sozinho, e ao Brasil o desprezo de um Leão.” – Recordação de final de soneto; não conheço o nome do autor.

A chuva em grossos pingos começando...

trovões, granizo e o forte vento frio, iam também minha noite inundando de medo, de ansiedade e de vazio!

Dentro e fora de mim foi aumentando o uivar do vento como um desafio; e um vendaval dantesco se formando regia a verde orquestra em assobio!

Rogando a Deus e ao tempo por clemência, culpei ao vendaval por tua ausência no tormento da espera até o fim;

Deus me atendeu e o céu todo estrelou... mas não vieste e nunca mais passou o vendaval que provocaste em mim!

Almerinda F. Liporage (Tita), Vendaval

Quer milagre maior que o brilho da alvorada, surgindo, pouco a pouco, aos alhores do dia? Quer milagre maior que a noite estrelejada, bordando todo o céu de estrela fugidia?

Quer milagre maior que a voz da passarada, enchendo o espaço, além, da mais doce harmonia?

Quer milagre maior que a cachoeira alada, caindo sobre o abismo, em magistral magia?

Só um milagre existe, em toda a Natureza, capaz de superar a divinal beleza de aurora, ocaço e mar... e rio peregrino...

É o milagre do Amor da Deusa humanizada: – Mulher que se fez Mãe, e assim, divinizada, vai carregando, ao colo, um filho pequenino!

Brandina Rocha Lima, Milagre de amor

Já nem sei se vivia... estava quase morta...

Apenas o dever ao corpo me prendia...

Era triste palmeira a sucumbir, já torta, ao látigo da vida, à intensa ventania!...

E chegaste a sorrir, como alguém que recorta um retrato sem cor de outro alguém que não ria... E ao retoque sutil da mão que reconforta, um resquício de vida, incrédulo, surgia.

Morta-viva, trancada em minha tumba escura, pouco a pouco, senti que o sol ressuscitara à luz do teu carinho, ao calor da ternura.

Pacientes, pedra a pedra, erguemos o castelo que o vendaval da vida, um dia, derrubara! – Um milagre de amor... E que milagre belo!...

Carolina Ramos, Milagre II

Silêncio... Solidão... Na noite calma e fria as sombras peregrinas que o passado oculta, retornam feito luz, na distância vazia, como seres incréus na desdita insepulta.

E eu fico a meditar na Suprema Poesia que povoa o Universo e que a razão avulta, sentindo a dimensão desse Ser que irradia, que palpita no cerne e que as flores exulta.

No milagre da vida a forma se transmuda. É centelha de fé que o Universo desnuda, na pureza sem fim do olhar de uma criança.

É batel flutuante em mar de fantasia, é flor em doação no néctar da poesia, é milagre do amor, na luz de uma esperança!

Cidoca da Silva Velho, Milagre

Amanheceu... nem vi a madrugada!

Quando acordei, o sol esfarrapado, enxugava a vidraça ainda orvalhada, tentando olhar meu rosto amargurado!

Que noite triste, essa noite passada, em que, chorando, eu percorri cansado, a velha e triste rua abandonada, nesse tristonho mundo do passado!

Em toda a porta em que batia, aflito, somente o eco do meu próprio grito era a resposta, na noite vazia...

Por milagre do sonho, agora eu sei, voltei à velha rua onde morei, numa outra vida... longe... fugidia!

Hedda de Moraes Carvalho, Milagre do Sonho

Anjo de Deus, seráfico, precioso, era Francisco, o frade penitente, pregando amor, vivia santamente o irmão bondoso, humilde, generoso!

Um dia, em sua cela, tão piedoso, ele rezava e, eis que, de repente, a tentação o assalta intransigente, a sugerir-lhe um mundo mais faustoso.

O Santo, então, num gesto derradeiro, para afastar aquela tentação, corre e se atira sobre um espinheiro.

E aquele chão de cardos tão daninhos transforma-se em formosa floração de rosas perfumadas, sem espinhos.

Lila Ricciardi Fontes, O milagre

Ilumina-se o céu num clarão repentino...

Depois outro clarão... Depois a trovoadá...

A ventania... A chuva... A enchente... E na enurrada o que fraqueja e cai tem o mesmo destino...

Janelas a gemer, na casa abandonada, e a bater nos umbrais, como um rouquenho sino... A torrente arrastando o arbusto pequenino e a palmeira imponente, abatida e arrastada...

Num ramo já sem folha, em meio ao torvelinho, um ninho inda resiste... E dentro desse ninho uma avezinha enfrenta a luta desigual...

É que mesmo embargada, ante a visão da morte, a voz do amor de mãe sempre há de ser mais forte que o mais forte e feroz rugir de um vendaval!...

Luna Fernandes, No vendaval

Se Deus Criador, num gesto dadivoso, fez despertar a terra adormecida, o próprio fato de existir a Vida é por si mesmo um dom miraculoso.

Este milagre farto, generoso, se concretiza em graça desmedida, mas a criatura tola e ensandecida despreza às vezes tanto bem precioso...

Triste cegueira... vem do insano orgulho; nem deixa ver a flor, no pedregulho, a forcejar entraves tão diversos.

No entanto, existe, milagrosamente, alguém que enxerga a Vida, intensamente, de tal maneira, que a transforma em versos!

Vanda Fagundes Queiroz, Dádiva

## C O N C U R S O D E T R O V A S E P O E S I A S 1 9 9 1

UBT, Jubileu de Prata de sua Fundação (RJ 21.08.66) – União Brasileira dos Trovadores, Seção do Rio de Janeiro, Ano Lilinha Fernandes, Rainha da Trova; Homenagem aos Poetas Elton Carvalho, Eugenio Carvalho Jr. e Carlos Guimarães. Gentileza de Hermoclydes Siqueira Franco